

# ASCENSÃO E QUEDA DE JACOB ZUMA

Vladimir Shubin<sup>1</sup>

## Introdução

O Em maio de 2014 eu recebi, subitamente, uma ligação da embaixada sul-africana em Moscou, na sequência veio, então, um convite oficial, assinado por Jacob Zuma: ele requisitava a minha presença em sua segunda cerimônia de posse. Infelizmente não pude atender à requisição, eu ainda estava me recuperando de uma cirurgia, mas o fato em si já era significativo, não pelo meu envolvimento, mas pela simbologia das relações amistosas existentes entre o presidente sul-africano e aqueles, na Rússia, que apoiaram o esforço contra o regime do apartheid.

Eu li e ouvi, posteriormente, que a cerimônia de posse foi um sucesso. Duas semanas antes o Congresso Nacional Africano, de Zuma, recebeu 62,15% dos votos nas eleições gerais. Resultado 3,7% menor do que em 2008, mas ainda bastante expressivo. O Congresso do Povo, partido criado por aqueles dentro do CNA que se opunham a Zuma, sofreu um revés, levando apenas 0,67% dos votos. Embora um partido “de esquerda”, os Lutadores pela Liberdade Econômica (LLE) tivesse recebido um resultado impressionante para uma entidade nova, 6,35% dos votos, e a principal oposição, a Aliança Democrática, tenha aumentado sua participação de 5,5% para 22,23% (Election Resources 2014), de maneira alguma isso ameaçou o domínio do CNA.

Verdadeiramente, o primeiro mandato Zuma alcançou algumas conquistas importantes, tanto internamente quanto em matéria de política externa. O ambicioso Plano de Desenvolvimento Nacional “*Nosso futuro – Faça acontecer. 2030*” foi adotado, e a África do Sul se juntou à associação dos países líderes “Não-Occidentais” – Brasil, Rússia, Índia e China, transformando o BRIC nos BRICS. O presidente sul-africano foi presidente do 5º Encontro

---

<sup>1</sup> Pesquisador bolsista do Instituto de Estudos Africanos da Academia Russa de Ciências e Pesquisa, Centro de Estudos Militares, Universidade de Stellenbosch. E-mail: vlgs@yandex.ru.

dos BRICS, em eThekweni (Durban) em março de 2013, e a iniciativa liderada pela África do Sul de um fórum de diálogo com os líderes africanos sobre o tema “Libertando o Potencial Africano: BRICS e a Cooperação Africana em Infraestrutura” também foi realizada no encontro, o qual teve comparecimento de chefes de estado e de governo, e líderes de organizações continentais e regionais da África.

Cabe ressaltarmos que no final de 2007 Jacob Zuma tornou-se líder do CNA quando, na conferência nacional do partido, ganhou as eleições sobre o presidente do país à época, Thabo Mbeki, tendo recebido o apoio de 60% dos delegados. Em 2009, após as eleições gerais, Zuma tomou posse, com confiança, na presidência da África do Sul, tendo sido eleito pela maioria do CNA no parlamento.

O caminho de Zuma até a presidência foi relativamente difícil. “Um homem simples”- como Jacob Zuma era comumente caracterizado<sup>2</sup>. De fato, nascido em um vilarejo em KwaZulu-Natal e que, de acordo com a maioria das fontes, nunca recebeu educação formal, realizando trabalhos informais para ajudar sua família após a morte de seu pai, e aprendendo sozinho a ler e escrever.

Zuma ingressou no CNA em 1959 e na organização armada Umkhonto we Sizwe em 1962, logo após sua formação pelo CNA e pelo Partido Comunista Sul-Africano. No ano seguinte foi preso, junto com um grupo de jovens africanos, no caminho para treinamento militar no estrangeiro, sendo sentenciado a dez anos de prisão pelo fato.

Depois de sua soltura, em 1973, Zuma trabalhou nas atividades clandestinas do CNA em KwaZulu-Natal, mas dois anos depois teve de se exilar. Logo depois Zuma tornou-se popular nos quadros do movimento de libertação e foi eleito para o Comitê Executivo Nacional em 1977. Logo após foi incluído no grupo de líderes do CNA que foram enviados para receber treinamento na União Soviética (S.A. History 2017)<sup>3</sup>.

Inicialmente esteve baseado na Suazilândia e em Moçambique, tendo permanecido em Moçambique mesmo após a maior parte dos líderes do CNA terem tido que se retirar quando da assinatura dos notórios Acordos Nko-

---

2 A ironia é que o antigo ministro Ronnie Kasrils usava estas mesmas palavras em seu recém lançado livro no qual tecia duras críticas à Zuma.

3 O grupo era liderado por Alfred Nzo, Secretário-Geral, e incluía pessoas proeminentes como Sindiso Mfenyana, Reginald September e Dulcie September; posteriormente representante do CNA em Paris, morto por um assassino anônimo. O curso foi ministrado no Centro de Treinamento do Ministério da Defesa Soviético, mesmo que alguns entusiastas argumentassem que havia estudado na “escola da KGB para sabotagem e atividades terroristas” (<https://ria.ru/world/20180215/1514653931.html>)

mati (“Acordo de Não-Agressão e boa vizinhança entre Moçambique e África do Sul”) pelos presidentes Samora Machel e Peter Botha em 16 de março de 1984. Se envolveu em atividades “sensíveis”, mantendo contato clandestino com o CNA na África do Sul. Me recordo quando nossa delegação estava saindo do Lesoto, em 1984, e no último momento, no aeroporto, um conselheiro da nova embaixada soviética estabelecida no país passou-me um envelope que os camaradas do CNA pediram para ser entregue aos seus colegas em Moçambique. Ademais, o nome do destinatário, Jacob Zuma, foi marcado no envelope. Eu carregava um passaporte diplomático, mas no percurso para Maputo o avião teve que pousar no aeroporto de Matsapa, na Suazilândia, praticamente controlado pelas tropas de Pretória, quando Moscou não possuía relações diplomáticas com o país. “Por outro lado, ” pensei, “talvez esta carta possa salvar a vida de outra pessoa, então eu devo correr o risco. ”

Quando Zuma teve que deixar Moçambique, sob ordens de Pretória, ele se juntou ao quartel-general do CNA em Lusaka, na Zâmbia. Lá, em 1987, foi apontado chefe adjunto do Departamento de Inteligência e Segurança do CNA, tendo o posto mais alto sido concedido para Joseph Nhlanhla, futuro Ministro Sul-Africano dos Serviços de Inteligência.

Nesta função, participou, muitas vezes junto com Thabo Mbeki, de discussões confidenciais com representantes do regime de Pretória e foi membro da equipe do CNA que primeiro foi recebida legalmente na África do Sul, em 21 de março de 1990, após a legalização da organização.

Na primeira conferência, legal, nacional, em Durban, em Julho de 1991, Zuma foi eleito delegado do novo Secretário Geral do CNA, Cyril Ramaphosa. No entanto, o trabalho político de Zuma se concentrou na sua cidade natal, KwaZulu-Natal. O Partido da Liberdade Inkatha, de Gatsha Buthelezi, ganhou as eleições na cidade em 1994, mas Zuma tornou-se membro responsável pelos Assuntos Econômicos e de Turismo no Comitê Executivo da província, formado com base em um sistema de coalizão (muitos acreditam que a eleição foi fraudada em prol dos Inkatha, mas a liderança central do CNA decidiu não questionar os resultados eleitorais, visando manter a paz na província).

Como representante do CNA em Kwazulu-Natal, Zuma fez muito pela reaproximação com os Inkatha e estabeleceu uma paz duradoura na província. Desde 1994 ocupou conjuntamente sua posição local e a de representante nacional do CNA, e em 1997 foi eleito vice-presidente do CNA. Então, dois anos depois, após a segunda eleição geral, o presidente sul-africano Thabo Mbeki apontou Zuma como seu Vice.

Zuma foi apresentado como o futuro herdeiro de Mbeki no CNA e na presidência de Estado, no entanto, logo enfrentou problemas. Em 2002 Zuma

foi implicado em um escândalo de grandes proporções, conectado também ao julgamento de seu conselheiro financeiro e aliado (e antigo operador clandestino) Schabir Shaik, o qual foi acusado de “corrupção, fraude, usurpação de ativos empresariais, evasão fiscal e comércio negligente” no caso conectado com o chamado “acordo das armas”<sup>4</sup>. Em 23 de Agosto de 2003, Bulelani Ngcuka, então o líder da Diretoria Nacional de Acusações Públicas(DNAP) disse aos jornalistas: “Nós concluímos que, embora existam evidências no caso de corrupção contra o vice-presidente, nossas perspectivas de sucesso não são fortes o suficiente. Isto significa que não sabemos se temos um caso passível de vitória. Portanto, decidimos não indiciar o vice-presidente” (News 24 2003).

Esta declaração dificilmente foi justa e muitos na África do Sul viram-na como um exemplo de “conspiração” contra Zuma. Ele acusou a promotoria de o considerar culpado sem possuir as evidências necessárias (IOL 2003). Outros exemplos se seguiram, como o caso do julgamento de Schabir Shaik's, presidido por Hilary Squires, juiz aposentado, ex-Primeiro-Ministro da Rodésia e também ministro do governo Jan Smith no país, trazido especificamente para isto.

Portanto, quando depois da condenação de Sheik, Thabo Mbeki “liberou” Zuma de suas obrigações como Vice-Presidente em 14 de junho de 2005, havia uma forte crença de que Zuma havia sofrido tratamento inadequado; dois meses depois, na reunião do Conselho Nacional do CNA, seus oponentes falharam em lhe remover do posto de segundo em comando dentro do Partido. Então quando, em agosto de 2005, o time de investigadores vasculhou as casas de Zuma e de seus advogados, apreendendo 93 mil documentos, em sua casa em um subúrbio de Johannesburgo quase entraram em confronto com a unidade de proteção vice-presidencial (Namibian 2005).

No entanto, não foi o fim dos problemas para Zuma. Em dezembro de 2005, Zuma foi indiciado por estuprar uma mulher mais jovem, Fezekile Kuzwayo, filha de sua antiga parceira. Zuma alegou ser inocente e em maio de 2006 foi absolvido. Ademais, rumores foram amplamente divulgados por seus apoiadores, alegando que o episódio todo foi outra conspiração contra o mesmo. Recordo como meu antigo colega, um proeminente professor africano, tentou convencer-me de que aquela moça treinou por três meses para seduzir Zuma.

A suspeita sobre a conspiração anti-Zuma foi inflada pela divulgação de mensagens de e-mails atribuídos a seus adversários. A investigação, requi-

---

<sup>4</sup> Nome utilizado pela mídia de massa sul-africana para a Aquisição Estratégica de Defesa, um programa sul-africano de aquisições de equipamento militar. Envolveu quantias que somavam US\$4,8 bilhões (30 bilhões de Rands em valores de 1999).

sitada por Ronnie Kasrils, ministro de inteligência, provou que eram falsas, mas poucas pessoas acreditaram.

Uma decisiva batalha foi travada pela presidência do CNA na Conferência Nacional do CNA em Polokwane (antiga Pietersburg), em dezembro de 2007. Parece que Thabo Mbeki cometeu um erro ao candidatar-se para um terceiro mandato como presidente do CNA; embora permitido pela constituição do partido, foi tido como uma tentativa de “agarrar-se ao poder”. À época os apoiadores de Zuma formaram a chamada “coalizão dos feridos”<sup>5</sup> (nomeado depois da notória “coalizão dos dispostos”<sup>6</sup> durante a agressão dos EUA e do Reino Unido contra o Iraque em 2003). Constituiu-se de pessoas que de uma maneira ou outra foram ofendidas ou decepcionaram-se com Thabo Mbeki. Contudo, outra razão para o suporte dos delegados à Zuma foi mais importante: ele era considerado o “homem do povo”, diferentemente de Mbeki que era comumente tido como “moderado” e adepto de políticas “neoliberais”. Assim sendo, Zuma foi apoiado em particular pelo Partido Comunista e pelo Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos, bem como pela Liga Jovem do CNA. Em 18 de dezembro Zuma venceu Mbeki com expressiva maioria de votos dos delegados – 2329 contra 1505 (IOL 2007).

As denúncias de corrupção, à época, estavam em “ebulição”. Zuma teve que atender ao tribunal em 29 de junho de 2005, sob duas acusações de corrupção. À época as investigações buscavam incluir também o crime de fraude nas acusações, no entanto, em 20 de setembro de 2006, as acusações foram retiradas devido às “tecnicidades”, com base no argumento de que o Estado o estava indiciando sem uma investigação completa e sem um caso consolidado contra Zuma (S.A. History 2007).

Apesar disso, apenas algumas semanas depois da vitória do vice-presidente em Polokwane, denúncias de corrupção foram novamente protocoladas (The Guardian 2009). Contudo, em 12 de setembro de 2009, o Juiz Chris Nicholson, da Suprema Corte de Pietermaritzburg arquivou o processo (novamente com base em questões procedimentais), e também se referiu à decisão de processar Zuma como “politicamente motivada” (The Guardian 2008). Discursando para uma multidão de cerca de dez mil apoiadores do lado de fora do tribunal, um eufórico Zuma disse que o caso era uma lição para todos aqueles que abusam do poder. “É uma vitória para a democracia”. Todavia, novamente, não era o fim da história.

Mbeki apelou do veredicto de Nicholson, e no fevereiro seguinte, uma turma da Suprema Corte de Apelação rejeitou, por unanimidade, a decisão de

---

5 Traduzido de “coalition of the wounded”.

6 Traduzido de “coalition of the willing”.

Nicholson no julgamento de Zuma (Mail & Guardian 2009), mas era tarde demais. No dia 19 de setembro de 2008 o Comitê Executivo Nacional do CNA, em encontro que se estendeu até a madrugada, decidiu “revogar o mandato do camarada Thabo Mbeki antes da conclusão de seu mandato”; o Secretário-Geral do CNA, Gwede Mantashe, contou a repórteres numa conferência de imprensa, após a decisão ser tomada, de que esta foi fortemente influenciada pelo julgamento de Nicholson. O próprio Mbeki disse posteriormente que: “Aquela foi uma decisão tomada não pelo CNA, mas pelo juiz Nicholson, e o CNA agiu sobre esta decisão” (IOL 2009).

Diversos membros do governo Mbeki demitiram-se de seus cargos, seguindo o presidente, incluindo a Vice-Presidente Phumzile Mlambo-Ngcuka, o Dr. Essop Pahad, ministro na Presidência, cargo consultivo do presidente, e Ronnie Kasrils, ministro dos serviços de inteligência.

Na opinião do autor, este episódio é uma evidência concreta das brechas da “mais democrática” constituição da África do Sul: sem violar qualquer cláusula, uma única pessoa, tomando a decisão errada, mudou o destino do país.

Contudo, Zuma não podia ser eleito presidente diretamente, devido à renúncia de seu assento parlamentar em 2005, e o cargo foi ocupado por seu vice no CNA, Khalema Motlanthe. Foi pré-decidiado que o mandato de Motlanthe seria curto, apenas até as próximas eleições, marcadas para 2009. De qualquer forma, ele serviu ao país com dignidade e eficiência.

A oportunidade de Zuma veio em 6 de maio de 2009, quando o parlamento elegeu-o presidente da República da África do Sul. Críticos de Zuma recordaram que, como vice-presidente durante seis anos, ele pouco se opôs ao curso “neoliberal” do governo Mbeki, e que ambos, à época membros do Politburo, saíram do Partido Comunista em 1990 quando este tornou-se legal e não havia mais a necessidade e possibilidade de filiação secreta. Apesar disso, sua eleição é geralmente tida como uma “guinada para a esquerda”, ou, como um líder do PCSA contou-me, “uma potencial guinada para a esquerda”. Isto criou certa preocupação nos círculos da direita sul-africana, e além deles, sobre o futuro do país, especialmente o econômico.

Inicialmente, Zuma, uma pessoa extremamente acessível que frequentemente usava retórica progressista, era bastante popular. Ademais, ele apontou alguns “esquerdistas” para o seu gabinete, incluindo o Dr. Blade Nzimande, Secretário-Geral do PCSA. Em dezembro de 2012, no congresso do CNA em Mangaung (Bloemfontein), Zuma recebeu ainda maior apoio do que 5 anos antes – mais de 70% dos delegados. No entanto, descontentamentos

com os resultados governamentais do CNA vinham crescendo até entre os quadros do partido. Em 2012 a Conferência do CNA claramente expressou tal preocupação sobre o ritmo lento das reformas sociais e econômicas, a qual foi apontada pela adoção da provisão sobre “a segunda fase de transição do colonialismo do apartheid para uma sociedade nacional-democrática” que “será caracterizada pelas ações decisivas para executar transformações econômicas e consolidação da democracia, críticas tanto para a melhora da qualidade de vida de todos os sul-africanos, quanto para a promoção da construção nacional e da coesão social.”<sup>7</sup> De acordo com Zuma, no percurso para tal transição faz-se necessário uma “guinada radical” para um maior envolvimento do Estado na economia, especialmente no setor de mineração.

Contudo, ao contrário, no segundo mandato da “Administração Zuma” a situação econômica e política no país tornou-se mais complicada e o papel do Estado foi enfraquecido. Ademais, um agudo problema social na África do Sul era e permanece sendo a xenofobia. Para a maioria, é causada por questões econômicas, com surtos periódicos de violência contra estrangeiros, majoritariamente contra migrantes de trabalho vindos de outros países africanos, e consequência das altas taxas de desemprego.

Na sua campanha eleitoral de 2014, o CNA usou ativamente duas datas comemorativas - seu centenário de fundação e o 20º aniversário do estabelecimento do sistema democrático na África do Sul, em abril de 1994. Mas, no vocabulário político, especialmente entre os opositores ao governo, duas outras noções prevaleceram, Nkandla e Marikana.

O primeiro concerne à construção de diversas instalações - centros de visitantes, um aviário, currais e uma piscina - na propriedade de uso privativo de Jacob Zuma em sua terra natal, Nkandla, na província de KwaZulu-Natal, com dinheiro público. Em um relatório com cerca de 450 páginas o Procurador Geral<sup>8</sup>, Thuli Madonsela, declarou que parte das despesas para as construções não possuíam justificativa de acordo com a lei sul-africana de setores estratégicos nacionais<sup>9</sup> e sugeriu que Zuma pagasse, ao menos em parte, os custos para o tesouro nacional<sup>10</sup>. No entanto, posteriormente, o Ministro da

---

7 Declaration Of the 53rd National Conference of the ANC. <http://www.anc.org.za/events.php?t=53rd%20National%20Conference%20-%20Mangaung>

8 O “Public Protector” possui função semelhante ao Procurador-Geral da República no Brasil, sendo, no entanto, considerado pela constituição sul-africana, como um 6º poder constitucional não subordinado ao Executivo, caso brasileiro. <http://www.justice.gov.za/legislation/constitution/SACConstitution-web-eng.pdf>

9 Traduzido de South African law on national key points.

Polícia<sup>10</sup>, Nathi Mthethwa, responsável pelos “setores estratégicos”, disse que, no relatório de Mandosela, as despesas estavam infladas em cinco vezes, e que em qualquer caso o presidente não deveria compensá-las. Sua posição foi apoiada pela maioria dos membros do CNA no parlamento. A questão foi, então, “congelada” por algum tempo, mas “explodiu” futuramente quando, em 31 de março de 2016, a Corte Constitucional Sul-Africana, julgando a petição movida pelo LLE, decidiu unanimemente que a demanda do Procurador Geral era válida e decidia pela sua execução. A resolução do parlamento, que apoiava o presidente, foi julgada incompatível com a constituição e era ilegal. Ademais, a corte decidiu que, ao não cumprir a decisão anteriormente, o presidente havia violado a sua obrigação de “sustentar, defender e respeitar” a constituição, e isto levou a uma nova tentativa de derrubar Zuma, embora a maioria do parlamento – membros do CNA – não tenha permitido.

Já o segundo caso foi uma grande tragédia. Em 16 de agosto de 2012, próximo à uma mina de platina em Marikana, na Província Noroeste da África do Sul, 34 pessoas foram mortas por balas de policiais e 78 trabalhadores ficaram feridos quando participaram de uma greve demandando aumentos salariais. O ocorrido foi logo após dez pessoas serem mortas, incluindo dois policiais e dois seguranças da companhia “Lonmin”. A tragédia causou forte repercussão no país, sendo comparada ao tiroteio na campanha de africanos em Sharpeville, em 1960. Ações policiais foram severamente criticadas.

Outro abalo atingiu o prestígio do presidente logo após. Antes das eleições de 2009, em 11 de abril, a DNAP retirou as queixas contra Zuma, incluindo 783 (!) episódios de “corrupção, fraude e extorsão”, mas isso não lhe reverteria positivamente (Politics Web 2009). A Suprema Corte da Província de Gauteng, em 29 de abril de 2016, reverteu essa decisão. Ademais, a corte julgou que Mokotadi Mpshe, à época Diretor Nacional de Acusações Públicas, agiu sob pressão.

As relações entre o presidente e a família Gupta foram tornaram-se um escândalo público. Imigrantes oriundos da Índia, os irmãos Gupta entraram no mundo dos negócios na África do Sul em 1993, tendo construído um império ao longo de 20 anos, em diversos segmentos e atividades. Estabeleceram estreitos laços com Jacob Zuma antes deste eleger-se presidente; seus parentes próximos – uma de suas esposas<sup>12</sup>, um filho e uma filha – con-

---

10 [http://www.publicprotector.org/library%5Cinvestigation\\_report%5C2013-14%5CFinal%20Report%2019%20March%202014%20.pdf](http://www.publicprotector.org/library%5Cinvestigation_report%5C2013-14%5CFinal%20Report%2019%20March%202014%20.pdf)

11 Traduzido de police minister.

12 A vida privada de Zuma, excede o tema deste artigo. Somente vamos mencionar que ele casou com seis mulheres de acordo com a imprensa de massa. Até maio de 2019, ele teve 22 filhos com 11 mulheres e iria casar com mais uma esposa, 24 anos mais novo, que recentemente

quistaram cargos altos nas companhias pertencentes ao clã Gupta, as quais auferiram diversas preferências e privilégios com o governo sul-africano.

O primeiro grande escândalo envolvendo os irmãos Gupta deu-se em 2013, quando um avião fretado vindo da Índia com convidados para o casamento de sua sobrinha, apesar das leis, foi permitido pousar no campo de pouso militar Waterkloof, próximo de Pretória, reservado para a chegada de chefes de estado e delegações diplomáticas. Mais sério foram os eventos que ocorreram em 2015 quando a demissão, em 9 de dezembro, do Ministro das Finanças, Nhlanhla Nene, tendo sido substituído pelo pouco conhecido e não ligado a nenhum cargo<sup>13</sup>, David van Rooyen, foi associado à família Gupta. Esta decisão de Zuma afetou adversamente o sistema financeiro nacional, causando desvalorizações abruptas do Rand e barateando os ativos sul-africanos. De imediato o país perdeu cerca de 500 bilhões de rands, e a perda real pode ser ainda maior (BizNews 2016). Existem relatórios que apontam ainda que, logo antes da tomada da decisão, um seleto grupo de pessoas, sabendo dos eventos vindouros, apostaram na desvalorização da moeda. Comprando dólares em grandes quantidades, quando o rand despencou, converteram novamente os dólares para rands, auferindo ganhos bilionários. Ademais, Mse-bisi Jones, Vice-Ministro de Finanças, publicamente declarou que às vésperas da renúncia, os irmãos Gupta ofereceram-lhe o posto de ministro. Zuma insistiu, no parlamento, que “nenhum ministro foi apontado pelos Guptas ou por qualquer outra pessoa”, mas protestos, especialmente de parte das estruturas empresariais, foram tão fortes que em quatro dias ele foi forçado a substituir o ministro, apontando Pravan Gordan, o qual havia ocupado o posto entre 2009-2014.

O presidente tentou se distanciar da família Gupta, mas a sua reputação havia sido irreparavelmente afetada e, no vocabulário político sul-africano, outro termo apareceu – “captura do estado,” significando o uso do aparato estatal e da propriedade estatal para fins pessoais. Thuli Madonsela tinha boas razões para abrir novas investigações que resultaram finalmente em um relatório chamado, ironicamente, de “Estado de Captura”.

Nesta situação Jacob Zuma não apenas virou alvo de críticas, mas diversas forças políticas passaram a exigir sua renúncia, incluindo aqueles que o apoiaram anteriormente contra Mbeki. A posição mais radical, como de costume, foi a tida pelo LLE, o qual demandou também a dissolução do parlamento e novas eleições gerais. Apelos diretos para que o presidente abdicasse foram feitos por Ahmed Kathrada, condenado junto com Nelson Mandela à

---

te havia dado a luz a uma criança.

13 Traduzido de “backbencher”.

prisão perpétua, assim como por parte de outros líderes e veteranos do CNA. Um grupo de militares veteranos, comandantes e comissários dos altos escalões do Umkhonto we Sizwe – o exército popular do CNA – sugeriu para que a liderança do partido “avaliasse... a sabedoria para continuar, ou não, com o camarada J. Zuma nas esferas tanto do CNA quanto do Estado. Na nossa visão, para o bem do CNA e do país, uma saída digna deveria ser negociada com o camarada J. Zuma”.

Sob estas circunstâncias as eleições locais de agosto de 2016 tornaram-se de importância nacional. No geral, como previsto, o partido governista, venceu; no entanto, alguns chamaram tal vitória de “Pírrica”: embora o CNA tenha conquistado mais de 78% dos distritos administrativos do país, recebeu apenas 54,59% dos votos. Foi o pior resultado desde 1994, e quase 8% a menos do que nas eleições locais anteriores. Ao mesmo tempo, o antagonista do CNA, a Aliança Democrática, apesar de receber metade dos votos, 27,02%, fortaleceu seu controle sobre a capital parlamentar do país – Cidade do Cabo, e recebeu a maioria relativa dos assentos na capital administrativa, Twane (Pretória) (embora a diferença de assentos tenha sido pequena –93 para a AD contra 89 do CNA) e na grande municipalidade de Baía de Nelson Mandela (Port Elizabeth), na província do Cabo do Leste, tradicionalmente uma fortaleza do CNA. Em Johannesburgo o CNA logrou a manutenção da maioria relativa dos votos, mas perdeu a prévia maioria dos assentos no conselho da cidade. O LLE recebeu apenas 2% a mais de votos do que nas eleições nacionais de 2014, embora estivessem esperando dobrar, ou até mesmo triplicar, tais números. Nos dias seguintes, como os jornais sul-africanos noticiaram, iniciava-se a “era das coalizões”: apesar do terceiro lugar, com 8,24% dos votos, o LLE teve a chance de tornar-se um “fazedor de maiorias”<sup>14</sup> e implementou-a com sucesso.

Portanto, com a ajuda do LLE e de partidos menores, a AD conseguiu ganhar controle não somente sobre Tshwane e a Baía de Nelson Mandela, mas também de Johannesburgo, a capital econômica. Não importa o quão dramático foi para o CNA perder o controle sobre as principais cidades, o golpe moral que o partido teve que suportar não foi menos doloroso. Zuma repetidamente instou previamente que o CNA iria governar “até Jesus vir”, então, depois da eleição, piadas ofensivas tornaram-se populares: “Zuma foi encontrar Jesus no Aeroporto Internacional O.R. Tambo,” “Jesus veio ver Zuma em Tshwane”, etc.

A perda significativa de votos do CNA pode ser explicada pelos complexos problemas sociais e econômicos (crescimento pífio do PIB, alto desem-

---

<sup>14</sup> Traduzido de Kingmaker.

prego, pobreza generalizada), mas não somente, também é impactada pela disputa entre facções dentro do partido, e especialmente pelos escândalos de corrupção que afetaram diretamente Jacob Zuma. No período preparatório para as eleições haviam duas visões opostas dentro do CNA. Alguns acreditavam que Zuma transformara-se em um “peso no pescoço”<sup>15</sup> do partido; outros acreditavam que a renúncia do líder às vésperas da eleição geraria o caos e enfraqueceria a posição do CNA. O segundo ponto de vista venceu, mas os resultados da eleição renovaram o fôlego dos que demandavam mudanças na liderança do partido. Muitos líderes proeminentes, mas também membros ordinários, do CNA culpavam a liderança partidária pelo fracasso.

O ápice dos eventos foi o funeral de Ahmad Katrada, que morrera em 28 de março de 2017. Compareceram ao evento quase todos os líderes do CNA, exceto Zuma, o qual alegadamente não era querido pela família do falecido. A situação se agravou no dia seguinte, quando o presidente, sem dar explicações, retirou o popular ministro das finanças, Pravan Gordhan e seu vice, Msebizi Jonas, os quais estavam em conflito aberto com o clã Gupta, de uma viagem ao estrangeiro que seria realizada. O predecessor de Zuma, Khalema Motlanthe, proferiu discurso no funeral citando diretamente a carta de Katrada pedindo a renúncia do presidente.

A resposta de Zuma, se é que pode ser chamada assim, foi mais uma vez, pela 11<sup>ª</sup> vez desde que virou presidente, rearranjar o gabinete ministerial. Em particular, demitiu Gordhan e Jonas sem consultar outros líderes seniores do CNA e do país. O vice de Zuma no partido e no Estado, Cyril Ramaphosa, o Secretário-Geral do partido, Gwede Mantashe, e o tesoureiro do partido, Zweli Mkhize, abertamente discordaram de tais ações.

Pela primeira vez a questão da renúncia de Zuma foi posta em pauta em um encontro do Comitê Executivo Nacional do CNA, em novembro de 2016, embora não tenha obtido o apoio da maioria. O mesmo aconteceu com a moção de desconfiança em abril de 2017, proposta novamente pela oposição parlamentar, contudo, pela primeira vez, obteve suporte de parte dos parlamentares do CNA; e dois aliados do CNA na “aliança tripartite” – o PCSA e o CSSA, demandaram a renúncia.

Zuma logrou atrasar a execução da decisão da corte no seu caso penal e postergou a implementação de uma comissão legal independente, também decidida pela corte, para investigar as denúncias contidas no relatório da “captura do Estado”, mas o momento da conta ser paga estava chegando – a conferência nacional do CNA foi convocada e seria realizada entre os dias 16 e 20 de dezembro de 2017.

---

<sup>15</sup> Traduzido de “Albatross on the neck”.

Sete candidatos foram nomeados para a presidência do partido, incluindo Cyril Ramaphosa e a Dra. Nkosazana Dlamini Zuma, ex-ministra e, entre 2012 e 2017, presidente da Comissão da União Africana. Ambos os candidatos foram preservados, mas o casamento de Nkosazana com Zuma, bem como seu apoio público à ela, foram prejudiciais à sua campanha. Embora tenham se divorciado quase 20 anos antes, e, na conferência do CNA de 2007 tenha sido candidata de Thabo Mbeki para presidente do partido, os seus oponentes e a mídia referiam-se à ela como a ex-esposa de Zuma. Em 16 de dezembro Zuma anunciou a introdução gradual de ensino superior e profissionalizante gratuito para estudantes oriundos de famílias cuja renda anual não excedesse 350 mil rands<sup>16</sup>. Tal decisão preencheu as demandas dos estudantes que participaram nos protestos de 2015-2016, mas desde que tal decisão foi tornada pública, no dia da abertura da conferência do CNA, foi tida como uma tentativa de última hora para auxiliar a campanha de Nkosazana.

Ramaphosa conquistou com uma vitória incontestável as eleições para presidência do CNA, embora com uma pequena vantagem (2440 votos contra 2261 de Dlamini-Zuma) (BizNews 2017), mas entre os seis líderes do CNA e entre os 80 membros do Comitê Executivo Nacional, seus apoiadores ocuparam cerca de metade dos assentos. Contudo, grande parte de seus oponentes recentes iniciaram o movimento para o lado do novo líder; vívido exemplo disso foi David Mabuza, à época presidente e premiê da província de Mpumalanga. Embora tenha sido apoiador de Jacob Zuma, parece que garantiu votos vitais de delegados de “sua” província para Ramaphosa e foi “recompensado” com o posto de Vice-Presidente.

Após a conferência os apelos pela renúncia de Zuma intensificaram-se, dado que a continuidade no posto de presidente enfraqueceria as chances do CNA de vencer nas eleições parlamentares que se aproximavam, marcadas para não mais tarde do que maio de 2019. No entanto, quando a liderança do CNA tentou convencê-lo para o fazer voluntariamente, permaneceu irreduzível.

Então, em 13 de fevereiro, o Comitê Executivo Nacional tomou a decisão de removê-lo do cargo. Similar aos eventos de setembro de 2008, mas como a distinção em relação à Thabo Mbeki, Zuma continuava lutando pelo poder. Ele insistiu em postergar a decisão por diversos meses para que pudesse presidir os encontros da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral e dos BRICS, que seriam realizados na África do Sul.

Cabe ressaltar que retirar-se do poder na África do Sul de “uma boa

---

16 <https://www.news24.com/SouthAfrica/News/zuma-announces-free-education-for-poor-and-working-class-students-20171216>

maneira”, obtendo imunidade contra processos penais e garantido propriedades para o presidente e sua família (como fora feito recentemente com Robert Mugabe no Zimbábue) é praticamente impossível, dada a rígida legislação. Foi então relatado que Zuma teria colocado como uma condição para a sua renúncia, o pagamento de suas futuras (e incrivelmente altas!) despesas com advogados e outros custos legais.

Zuma concordou em renunciar apenas depois de certificar-se de que a moção de não-confiança, marcada para 15 de fevereiro, teria suporte de ambos oposição e seu próprio partido. Zuma tomou esta decisão na noite do dia anterior, em discurso feito à nação na TV. Tendo destacado a desaprovação com a “decisão da liderança da minha organização”, Zuma, então, anunciou sua renúncia “como Presidente da República, a ser efetivada imediatamente”. Referindo-se aos “casos de violência que ocorreram por causa das diferentes visões entre os membros da nossa organização fora da nossa sede, Casa Luthuli” ele proclamou: “Nenhuma vida deveria ser perdida em meu nome e nunca o CNA deveria se dividir em meu nome” (News24 2018).

De acordo com a Constituição da África do Sul, Ramaphosa assumiu imediatamente como presidente interino do país. A eleição para o novo presidente teria lugar em 30 dias, mas no dia seguinte à renúncia de Zuma, em 15 de fevereiro, a Assembleia Nacional elegeu Ramaphosa por unanimidade. Apenas deputados do LLE deixaram à câmara, declarando a ilegalidade do parlamento, mas também se juntaram à ovação de pé que tomou lugar no discurso de Ramaphosa ao “Estado da União” no dia seguinte.

Portanto, a mudança do poder supremo da África do Sul ocorreu de maneira absolutamente democrática, sem a interferência de forças de segurança. Nenhum dos ministros que eram considerados apoiadores de Zuma renunciou.

O fim da incerteza prolongada foi bem recebido tanto pela África do Sul quanto pelo exterior. As notas de crédito da África do Sul haviam sido rebaixadas por duas, das três mais importantes agências, principalmente por causa da situação política do país, mas a estabilização após a chegada de Ramaphosa na liderança do país vem ajudando a subí-las. Já houve um notável fortalecimento do Rand sul-africano, e os juros dos títulos governamentais foram reduzidos. A tarefa mais importante e urgente que o novo presidente deve enfrentar é a luta contra a corrupção, que já começou. Por exemplo, um mandato de prisão foi emitido para um dos irmãos Gupta, que está foragido da polícia.

Pode-se supor que no futuro próximo o foco da liderança do país, liderado por Ramaphosa, será a política doméstica. Vale ressaltar que apenas dois parágrafos do discurso do presidente ao “Estado da União” foram dire-

cionados para política externa; um deles falou das zonas de livre comércio no continente africano, e o outro sobre a presidência sul-africana nos BRICS (South African Government 2018).

A entrada da África do Sul nos BRICS foi uma conquista central na política externa do país sob o comando de Zuma. Tendo declarado publicamente que havia sofrido três tentativas de envenenamento, Zuma enfatizou que “quase morreu apenas pelo fato de que a África do Sul se juntou aos BRICS no seu governo”. Não há razão para esperar mudanças significativas na política externa da África do Sul após a eleição de Ramaphosa, embora a retórica “anti-imperialista”, que caracterizou o presidente anterior (o qual não pôde prevenir, por exemplo, a expansão da cooperação militar com o Comando dos Estados Unidos para a África) foi enfraquecida.

O Departamento de Relações Internacionais e Cooperação já havia anunciado, duas semanas antes da renúncia de Zuma, uma extensa agenda de programas e eventos para o período de presidência do país nos BRICS. Contudo, a diferença de prioridades nesta agenda e na declaração de propostas de Ramaphosa merece atenção. No primeiro caso visavam: o estabelecimento de uma Plataforma Cooperativa de Pesquisa Virtual de Vacinas<sup>17</sup> com parceiros dos BRICS em inovação e desenvolvimento, o estabelecimento do Fórum dos BRICS para Mulheres e Gênero, o estabelecimento de um grupo de trabalho sobre Missões de Paz e alavancando a Estratégia dos BRICS para Parceria Econômica, ligada à Quarta Revolução Industrial (Republic of South Africa 2018), ao passo que Ramaphosa elencou apenas uma – “a promoção de comércio de produtos de alto-valor e investimentos intra-BRICS em setores produtivos” (Times Live 2018). Podemos concluir, portanto, que o novo presidente espera que esta associação contribuirá para a resolução dos problemas da economia sul-africana.

No que concerne às posições políticas de Ramaphosa, antes um defensor do socialismo, e que então se tornou um grande empresário, o mesmo as formulou de uma maneira bastante peculiar: “Eu sou um capitalista com um instinto socialista” (Mail & Guardian 2015). Resta ver o quanto dessas noções serão significativas durante sua presidência.

Ramaphosa é caracterizado pelo desejo de resolver problemas por meio das negociações, evitando medidas extremas. Por exemplo, falou contra a revogação do mandato de Thabo Mbeki em 2008 e, depois da eleição presidencial do CNA, pacientemente negociou com Jacob Zuma pela sua renúncia e inclusive arranjou uma festa e coquetel de despedida para o antigo presidente e membros do seu governo (ENCA 2018).

---

17 Traduzido de “Virtual Vaccine Research Platform for Collaboration”.

Durante o coquetel, Zuma pareceu bastante satisfeito com a sua vida, mas dificilmente foi sincero na sua expressão. Sua saída do Estado levantou os freios às instituições legais da África do Sul, que logo entraram em ação. Já em 6 de abril Zuma foi indiciado com 16 acusações que incluíam fraude, corrupção e extorsão, na Suprema Corte de Durban (Times Live 2018). Como antes, ele foi recebido por apoiadores que carregavam cartazes com os dizeres “Tirem as Mãos de Zuma” e “100% Inocente (ainda existem diversos destes na sua província natal) com sua canção favorita “Umshini Wami ([Traga-me] minha metralhadora)” (Daily Maverick 2018). Mas desta vez a sorte dificilmente estará do seu lado. A próxima sessão da corte está marcada para 8 de junho, e o escritório do promotor listou 207 testemunhas (The South African 2018). Até agora, Shabir Shaik, o qual foi libertado da prisão por “questões de saúde”, após cumprir dois anos dos 15, não é uma delas, mas testemunhará no tribunal caso seja intimado (WN 2018). O quão forte serão suas evidências que são apresentadas pela mídia como potencialmente “explosivas” e quantos “homens bomba” se juntarão a ele? O que acontecerá com Jacob Zuma? Teremos que esperar pelas respostas finais e, dado o sistema legal sul-africano, isto provavelmente levará anos.

## REFERÊNCIAS

- BizNews. 2016. “Calculating Zuma’s R500bn #Nenegate blunder – Rand depreciation excluded”. Available from: <https://www.biznews.com/undictated/2016/03/05/calculating-zumas-r500bn-blunder-the-effs-calculation-was-correct>.
- BizNews. 2017. “UPDATE: Ramaphosa wins by a whisker, 3 of top 6 are Premier League faithfuls”. Available from: <https://www.biznews.com/undictated/2017/12/18/final-anc-vote-result-ramaphosa-wins>.
- Daily Maverick. 2018. “Zuma’s Day in Court: Matter postponed to June as cheering crowds pledge loyalty”. Available from: <https://www.dailymaverick.co.za/article/2018-04-06-zumas-day-in-court-matter-postponed-to-june-as-cheering-crowds-pledge-loyalty/#.Wvv28SIFnAY>.
- Election Resources. 2014. General Elections in the Republic of South Africa. Available from: <http://www.electionresources.org/za/>.
- ENCA. 2018. “GALLERY: Zuma in good spirits at farewell cocktail dinner”. Available from: <https://www.enca.com/south-africa/gallery-zuma-in-good-spirits-at-farewell-cocktail-dinner>.

- IOL. 2003. “NDPP found me guilty with no evidence: Zuma”. Available from: <https://www.iol.co.za/news/politics/ndpp-found-me-guilty-with-no-evidence-zuma-111554>.
- IOL. 2007. “Party in Polokwane as Zuma sweeps to victory”. Available from: <https://www.iol.co.za/news/politics/party-in-polokwane-as-zuma-sweeps-to-victory-383197>.
- IOL. 2009. “I was hurt, says Mbeki”. Available from: <https://www.iol.co.za/news/politics/i-was-hurt-says-mbeki-462592>.
- Mail & Guardian. 2018. “Unembargoed: May 4 to 10”. Available from: <https://mg.co.za/article/2018-05-07-00-unembargoed-may-4-to-10>.
- Mail & Guardian. 2009. “Judge Nicholson red-carded by SCA”. Available from: <https://mg.co.za/article/2009-01-12-judge-nicholson-redcarded-by-sca>.
- Mail & Guardian. 2015. “Is Ramaphosa still a shoo-in?”. Available from: <https://mg.co.za/article/2015-09-10-is-ramaphosa-still-a-shoo-in>.
- Mail & Guardian. 2016. “‘Guptas offered me Finance Minister position’ - Mcebisi Jonas”. Available from: <https://mg.co.za/article/2016-03-16-guptas-offered-me-finance-minister-position-mcebisi-jonas>.
- Namibian. 2005. “Scorpions raid Zuma and Shaik’s homes”. Available from: <https://www.namibian.com.na/index.php?id=11230&page=archive-read>.
- News 24. 2003. “Zuma ‘won’t be prosecuted’”. Available from: <https://www.news24.com/SouthAfrica/News/Zuma-wont-be-prosecuted-20030823>.
- News 24. 2016. “President Zuma failed to uphold, defend the Constitution”. Available from: <https://www.news24.com/SouthAfrica/News/president-zuma-failed-to-uphold-defend-the-constitution-court-20160331>.
- News 24. 2016. “PARLIAMENT: No minister was appointed by the Guptas or anyone else - Zuma”. Available from: <https://www.news24.com/Video/SouthAfrica/News/watch-live-president-zuma-answers-questions-in-parliament-20160317-5>.
- News 24. 2018. “READ: Zuma’s resignation speech in full”. Available from: <https://www.news24.com/SouthAfrica/News/read-zumas-resignation-speech-in-full-20180215>.
- NPC Online. 2018. “Should You Consider Long-Term Addiction Treatment?”. Available from: <http://www.npconline.co.za/>.
- Politics Web. 2009. “Why I decided to drop the Zuma charges - Mpshe”.

- Available from: <http://www.politicsweb.co.za/news-and-analysis/why-i-decided-to-drop-the-zuma-charges--mpshe>.
- Republic of South Africa. 2018. "Speaking Notes: Ambassador Anil Sooklal, South Africa's BRICS Sherpa during the BRICS Stakeholder Roundtable on the 29th January 2018 in Pretoria". Available from: <http://www.dirco.gov.za/docs/speeches/2018/sooko129.htm>.
- South African Government. 2018. "President Cyril Ramaphosa: 2018 State of the Nation Address". Available from: <https://www.gov.za/speeches/president-cyril-ramaphosa-2018-state-nation-address-16-feb-2018-0000>.
- S.A. History. 2017. "Jacob Gedleyihlekisa Zuma". Available from: <https://www.sahistory.org.za/people/jacob-gedleyihlekisa-zuma>.
- The South African. 2018. "Zuma trial: State releases names of 207 witnesses testifying, Shaik not listed". Available from: <https://www.thesouthafrican.com/zuma-trial-state-207-witnesses/>.
- Times Live. 2018. "Read Cyril Ramaphosa's first state of the nation address". Available from: <https://www.timeslive.co.za/politics/2018-02-16-in-full-read-cyril-ramaphosas-first-state-of-the-nation-address/>.
- Times Live. 2018. "Done in 20 minutes: Zuma fraud, corruption case postponed". Available from: <https://www.timeslive.co.za/news/south-africa/2018-04-06-done-in-20-minutes-zuma-fraud-corruption-case-postponed-to-june/>.
- The Citizen. 2017. "Zuma reveals why 'they' poisoned him". Available from: <https://citizen.co.za/news/south-africa/1610878/zuma-reveals-why-they-poisoned-him/>.
- The Guardian. 2005. "Zuma indicted on corruption charges". Available from: <https://www.theguardian.com/world/2005/nov/05/southafrica.mainsection>.
- The Guardian. 2008. "Zuma court victory clears pathway to presidency". Available from: <https://www.theguardian.com/world/2008/sep/13/southafrica>.
- WN. 2018. "Rumour that I will testify in case against Jacob Zuma 'blows my mind', says Schabir Shaik". Available from: [https://article.wn.com/view/2018/03/19/Rumour\\_that\\_I\\_will\\_testify\\_in\\_case\\_against\\_Jacob\\_Zuma\\_blows\\_/](https://article.wn.com/view/2018/03/19/Rumour_that_I_will_testify_in_case_against_Jacob_Zuma_blows_/).

## RESUMO

Em maio de 2014, de repente, recebi um telefonema da Embaixada da África do Sul em Moscou, seguido por um convite oficial assinado por Jacob Zuma: eu queria estar presente em sua segunda posse. Infelizmente eu não consegui, eu ainda estava me recuperando de uma operação cirúrgica, mas o fato foi significativo, não porque eu estivesse envolvido, mas porque simbolizava relações amistosas que existiam entre o presidente sul-africano e aqueles na Rússia que participaram apoio da longa luta contra o regime do apartheid.

## PALAVRAS-CHAVE

África do Sul; Política; Jacob Zuma.

*Recebido em 05 de maio de 2018.  
Aprovado em 24 de junho de 2018.*

*Traduzido por Eduardo Secchi*